

Grupo ou Coletivo – uma questão de tempo

Verônica Gonçalves Veloso

USP – Universidade de São Paulo

Palavras-chave: teatro, grupo, coletivo

Para aqueles que cursam uma Universidade de Artes Cênicas fazer parte de um grupo é uma condição quase definitiva para se alcançar uma carreira bem sucedida. Ao menos para quem espera desenvolver a linguagem teatral atuando nos processos de criação de forma ativa, ou seja, para quem pretende ser sujeito do teatro que cria. Estar em um grupo é um cartão de apresentação, uma forma de explicitar suas escolhas artísticas e reconhecer seus pares. É inegável a importância do trabalho grupal na formação das identidades, pois do encontro com o outro, com o diferente, temos condições de fazer escolhas, que nos aproximam ou nos distanciam. Essa convivência faz do outro um parâmetro para atitudes, um referente, um modelo. No ambiente do grupo, à semelhança do ambiente familiar, o sujeito pode ser moldado enquanto artista e enquanto homem, por meio de identificações e negações.

Nos últimos vinte anos, há um esforço bastante significativo da classe teatral paulistana no sentido de se organizar: o Movimento da Arte Contra a Barbárie e a elaboração e aprovação da Lei de Fomento são exemplos também da iniciativa dos grupos teatrais. A atenção pública voltada a editais, cujos benefícios contemplam todo o processo de criação teatral, da pesquisa à circulação, são provas contundentes da força de diversos artistas organizados em grupos lutando por objetivos comuns. Fala-se em mais de 500 grupos de teatro atuando hoje na cidade de São Paulo, um verdadeiro renascimento do teatro de grupo, um momento de efervescência teatral. Exemplo disso é a ampliação do projeto Teatro Vocacional, levando aulas de teatro e acompanhamento de grupos para todas as Casas de Cultura e C.E.U.s da cidade. Tanto na esfera dos artistas profissionais quanto na formação de jovens artistas, a opção por participar de um grupo é visto por alguns como a condição mais legítima, hoje.

A história do teatro, desde seu surgimento remonta a uma esfera coletiva, associada às festividades e à família. Dois exemplos são suficientes para trazer à tona esse contexto histórico: o teatro grego e a *Commedia dell'Arte*, ambos referem-se à celebração e ao ambiente coletivo, familiar e público. A história de Maurice Durozier, ator do *Théâtre du Soleil*, filho da quinta geração de uma família de atores também ajuda a refletir sobre as características dos grupos de teatro nos últimos tempos. Mesmo quando os atores não vêm de famílias tradicionais, recebendo o legado da representação de seus pais e avós, a estrutura de grande parte dos grupos teatrais é similar a estrutura de uma família. Paralelamente, as novas gerações de atores são filhas de estruturas desfeitas ou de uniões temporárias. Se não cabe aos grupos teatrais preencherem essa lacuna estrutural, de que modo a crise da família pode afetar tais agrupamentos artísticos?

Se fosse uma questão de espaço, grupo seria sedentário.

Durante a graduação, uma das afirmações mais contundentes que ouvi foi: “nem todo amontoado de gente é um grupo!” No momento em que a frase foi dita, toda a classe estava muito angustiada com as próprias cobranças de formar grupos com as turmas nas quais lecionávamos. Entendemos mais tarde que a decisão de se formar um grupo não é do professor/encenador, nem de algum líder, nem de uma pessoa só, mas de um interesse comum despertado em muitos indivíduos ao mesmo tempo. Um grupo não é formado de imediato, depende de um desenvolvimento no tempo, como se de repente as pessoas percebessem que estão sendo, agindo como um grupo.

A definição de grupo encontrada no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa se refere “a conjunto de pessoas ou coisas dispostas proximamente e formando um todo”, “conjunto de pessoas ou coisas que têm características, traços, objetivos, interesses comuns”. No final do verbete, há ainda a seguinte indicação: do italiano *gruppo*, entendido como “nó, conjunto, reunião”. Pertence à tradição teatral a organização em grupo, no entanto, essa nomenclatura foi bastante utilizada a partir da década de 60, momento da criação de grupos que correspondiam ao pensamento e ao comportamento vigentes na época. Também aparecem como uma resposta a uma estrutura mais antiga, mas ainda existente, de teatro comercial que apresenta o nome de um ator ou atriz importante acompanhado por um “grande elenco”.

O conjunto de pessoas com interesses comuns que caracteriza o grupo teatral tem como modelo de estruturação grupos de longa vida, aqueles que permanecem juntos vinte, trinta anos. Talvez a principal característica desses agrupamentos seja sua relação com o tempo, sua formatação duradoura. Esse modelo de grupo estável, com atestado de qualidade garantido pelo tempo de trabalho tem um papel muito importante na organização dos artistas enquanto classe de trabalhadores. Participar de um grupo é um meio de inserir-se no mercado das artes, colocando-se em condições de concorrer aos editais de fomento à produção das criações. Essa estrutura de grupo passou a ser considerada o ideal almejado por muitas pessoas, que mesmo antes de traçarem seu percurso coletivamente esperam encontrar seus pares para fundar um grupo teatral. Algumas vezes esse “nó” permanece atado apenas na figura do diretor ou de um número restrito de integrantes em torno dos quais gravitam atores passageiros. A nomenclatura (grupo) e a contagem do tempo, entretanto, permanecem, provavelmente porque o tempo de sobrevivência dos grupos conta pontos a favor na luta pelos editais de cultura. Exemplo disso é a brochura de comemoração de 10 anos de um evento promovido pelo SESC intitulado Palco Giratório, no qual todos os grupos são inicialmente apresentados pelo tempo de permanência juntos¹.

Se fosse questão de espaço, coletivo seria nômade.

¹ Brochura de 10 anos de Difusão das Artes Cênicas – Palco Giratório 2007. Rede SESC.

Na pesquisa de mestrado que desenvolvo na Universidade de São Paulo pretendia usar o cinema como um modelo de composição a ser utilizado em processos artístico-pedagógicos, por isso foi preciso reunir pessoas dispostas a experimentarem a pertinência dessa proposta. Ao longo de um ano e meio de experimentação prática dessa pesquisa, além da criação de uma encenação, muito tempo foi dedicado à construção da logística desse agrupamento, que escolhi não chamar de “grupo”. Não gostaria de impor essa condição (sermos um grupo!) para que essas pessoas desconhecidas trabalhassem em conjunto e, ao mesmo tempo, gostaria de reiterar meu intento de agregar interessados por cinema, que quisessem fazer teatro. Convencida de que outras pessoas se interessariam pela dupla cinema/teatro espalhei cartazes pela Cidade Universitária convidando toda e qualquer pessoa (acima de 18 anos) para integrar um coletivo. Esse coletivo recebeu o nome de Jogos do Olhar, pois seria convidado a olhar as cenas dos filmes para compor as cenas teatrais. O Coletivo - Jogos do Olhar foi definido pelas pessoas que o fizeram, tomou o corpo de quem o experimentou, por isso teve características específicas. Como participante dele, tomo-o como referência, como ponto de partida e de apoio para esboçar esse conceito. Muitas vezes nos perguntamos: É só um novo nome? O novo nome pressupõe quais mudanças nos modos de produção?

A idéia de coletivo de artistas é muito comum nas artes plásticas, de onde as artes performáticas tomaram o conceito emprestado. Geralmente, os coletivos se reúnem com o intuito de ocupar determinados espaços ou discutir determinados temas de interesse comum. No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa a definição de coletivo “compreende ou abrange muitas pessoas ou coisas”, “pertence a um povo, a uma classe, a um grupo”. Do latim *collectivus* significa aquilo “que agrupa, ajunta”. A palavra “coletivo” é apresentada como antônimo de individual.

Um coletivo, de acordo com as referências explicitadas acima, é uma possibilidade de experimentar com um amontoado de gente, que não substitui a vivência em grupo, mas nos convida a explorar outros modos de estar junto. Seu modo de formatação é por meio de “empreitadas”, escolhe-se um foco de interesse, um local para ocupar, ou tema agregador de grupos e artistas “avulsos” e num tempo pré-estabelecido desenvolve-se o trabalho. O Coletivo sobrevive o tempo que dura a empreitada, tem hora de começar e de acabar. Procura inserir-se no mercado pela quantidade de pessoas que agrega e pelo peso de seus trabalhos juntos, pois não pode comprovar a excelência de seu trabalho pela permanência no espaço/tempo. Não se confunde com uma criação coletiva nos moldes dos anos 60, uma vez que têm as funções muito bem definidas, está claro quem é o diretor, o ator, o iluminador, o programador visual. Por isso aproxima-se de um processo colaborativo, pois pessoas de áreas diversas criam coletivamente, cada qual se responsabilizando por sua especificidade. Não está distante de um grupo no que diz respeito a envolvimento e dedicação. Trata-se, portanto de uma estrutura mais fluida. Se o grupo

fosse um casamento, o coletivo seria um namoro, um convite a enlazes mais temporários, sujeitos a repetições e reorganizações de tempos em tempos.

Bibliografia:

- BOGART, Anne. **A Director prepares seven essays on Art and Theatre**. New York: Routledge, 2001
- CARREIRA, André. Teatro de grupo anos 1990. Site : <http://www.itaucultural.org.br/próximoato>, 2006
- COSTA, Iná Camargo. Teatro de Grupo contra o deserto do Mercado. Camarim, São Paulo, ano 10, n.40, p. 26-37
- FERNANDES, Sílvia. **Grupos de teatrais, anos 70**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000
- HEEG, Günther. Práticas coletivas em tempos pós-dramáticos. Site: <http://www.itaucultural.org.br/próximoato>, 2006
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- NÉSPOLI, Beth. Conversa com o filósofo Paulo Arantes. Camarim, São Paulo, ano 11, n.41, p. 31-37
- PÉLBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. Site: <http://www.itaucultural.org.br/próximoato>, 2006